

Teófilo Dias

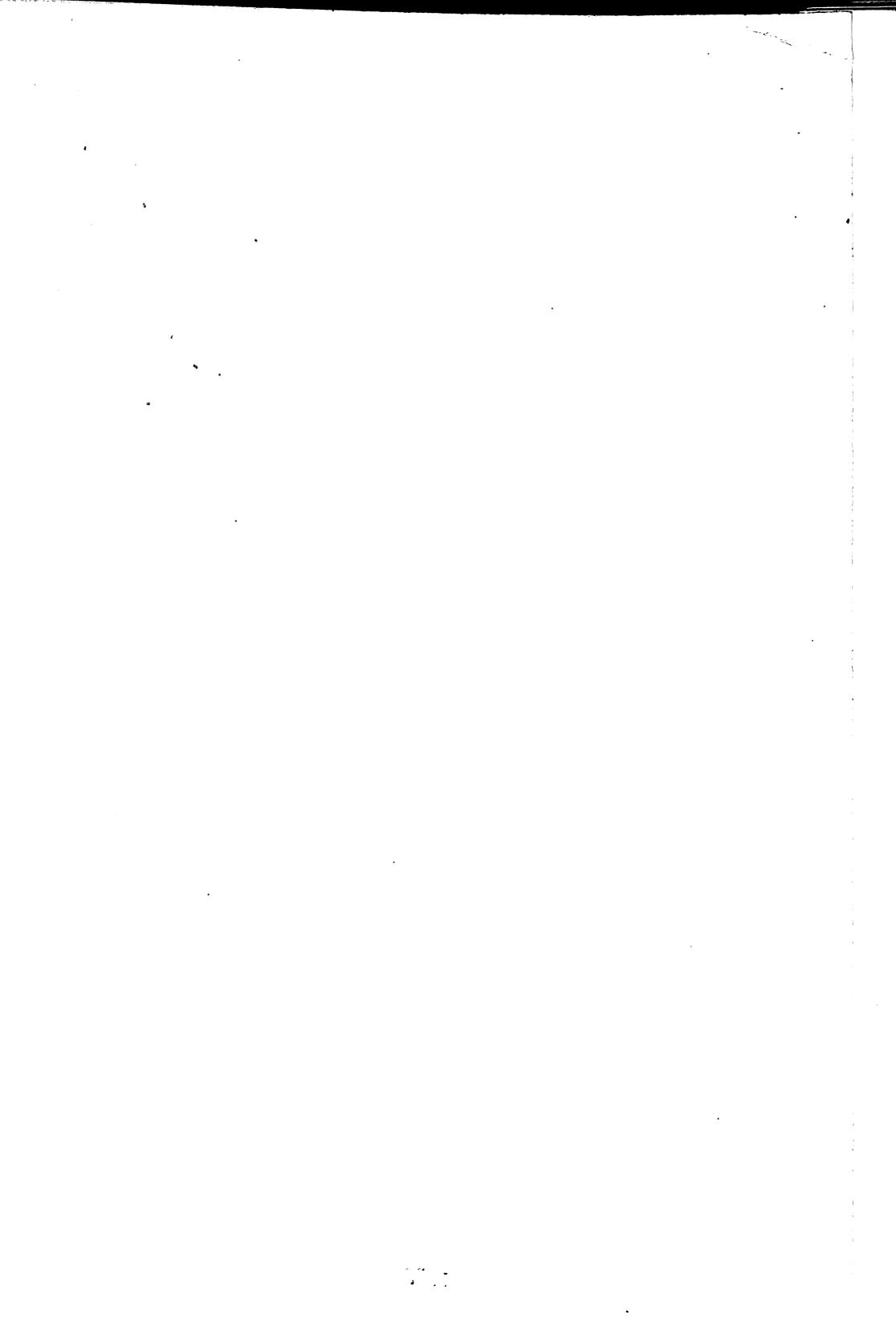
99
046280/2004



L0000046289

Centro Cultural do Maranhão

Maranhão



100,00

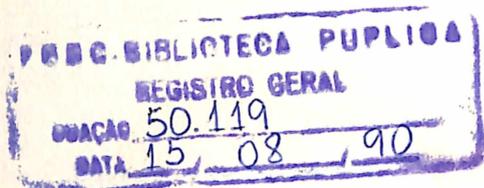
BAM
228,699
D541P

TEÓFILO DIAS

FUNDAÇÃO CULTURAL DO MARANHÃO

**São Luís
1977**

Governo Nunes Freire
Fundação Cultural do Maranhão
Série "Conheça nossos escritores"
Vol. 3.



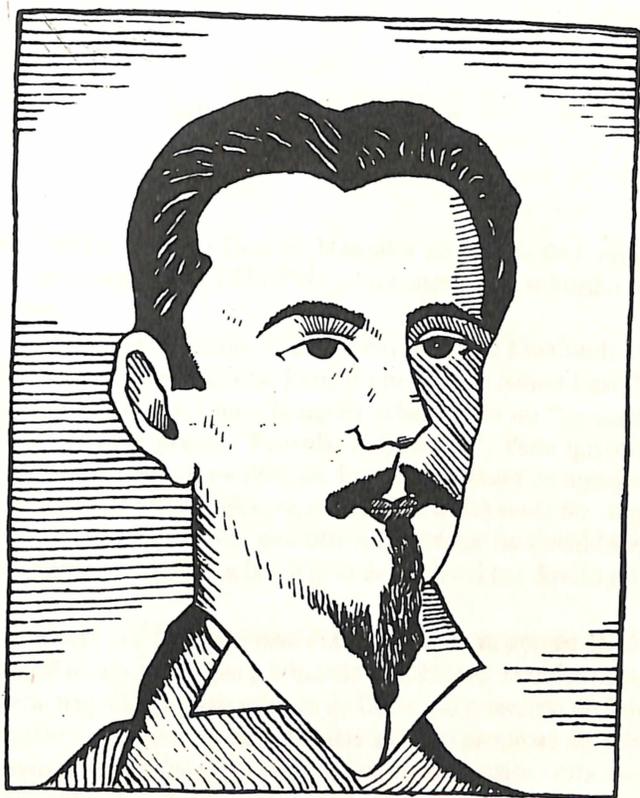
SÉRIE "CONHEÇA NOSSOS ESCRITORES"

VOLUMES PUBLICADOS:

Inácio Raposo

Gentil Braga

Teófilo Dias



Bico de pena de Maria Carvalho

VIDA DE TEÓFILO DIAS

Nasceu Teófilo Odorico Dias de Mesquita na cidade de Caxias, Maranhão, aos 8 de novembro de 1854. Pelo lado materno era sobrinho do poeta Gonçalves Dias.

Feito o primário em Caxias, Teófilo veio para São Luís onde cursou o famoso Instituto de Humanidades, fundado por Pedro Nunes Leal. Na capital da província iniciou suas lides literárias estampando no "Semanário Maranhense", em 1868 a poesia "Tomada de Humaitá". Teria quatorze anos quando compôs esses versos patrióticos. Em 1875, à custa de ingentes esforços, pois seus pais eram muito pobres, viajou para o Rio onde fez os preparatórios que, dois anos depois, lhe permitiriam ingressar na Faculdade de Direito de São Paulo, na qual recebeu o grau de bacharel em direito no ano de 1881.

O poeta revela em carta aos pais datada de 6 de março de 1875, o mal estar que sentia na aposento que a bondade de Cândido Mendes de Almeida lhe conseguira, naquelas primeiras horas de Corte, no convento de Santo Antônio. "Parecia-me, escreve no seio daquele silêncio pavoroso da cela deserta, "ir-se destacar a voz dos sábios da estátua. Nessa ocasião voltava-me para a parede e adormecia".

O poeta referia-se ao retrato de Frei Francisco de Mont'Alverne pendente na parede da cela que lhe destinaram e onde vivera, cego e esquecido, o famoso orador sacro.

Formado, fixou-se na capital paulista abrindo escritório de advocacia. Em política filiou-se ao Partido Liberal e, enamorando-se de uma filha do Conselheiro Martim Francisco, Gabriela, com quem aliás casou-se, foi-lhe fácil o ingresso nas lides políticas, logrando, assim, eleger-se deputado à Assembléia Legislativa Provincial. Talentoso, culto, apesar de muito jovem, Teófilo Dias se distinguiu por belos discursos, nos quais tratou com proficiência de vários assuntos de interesse geral.

Colaborou ativamente na imprensa paulistana, principalmente nos jornais "Gazeta Liberal", "Partido Liberal", "Paulista", "Liberal Paulista", "Federalista" e "A Província". Nos tempos de estudante colaborou na "Comédia", de Valentim Magalhães, no "Entreato" e no "Boêmio".

Poeta de sentimento delicado e imagens intensamente coloridas, sempre repassadas de impressiva nota sensual, Teófilo Dias introduziu no país, em 1822 com as "Fanfarras", os cânones da escola parnasianista.

Teófilo Dias morreu aos 30 de março de 1889 deixando um claro enorme nas letras brasileiras. Foi um dos soberbos orquestradores da língua portuguesa, manejando as palavras com insuperável maestria.

O nome de Teófilo Dias foi escolhido para patrono em três Academias de Letras: na Brasileira é patrono da Cadeira n.º 36, fundada por Afonso Celso; na Maranhense, da Cadeira n.º 19, instituída por Maranhão Sobrinho e na Paulista, da Cadeira n.º 33, criada por Altino Arantes.

BIBLIOGRAFIA

Flores e Amores, Caxias, 1874

Lira dos Verdes Anos. Tip. Central, de Evaristo Rodrigues da Costa. Rio de Janeiro, 1876.

Cantos Tropicais. Liv. de Agostinho Gonçalves Guimarães, ed. Rio de Janeiro, 1878. 143.p.

“Flores Funestas”. “A Matilha” – “A nuvem” – “A Esfinge” – “A glória”
Versos estampados na **Revista Brasileira**. Rio de Janeiro, 1880

“Fanfarras” – Dolivais Nunes, ed. São Paulo, 1882

Antonio Gonçalves Dias. **A Semana**. Rio de Janeiro, 19 de set. 1885

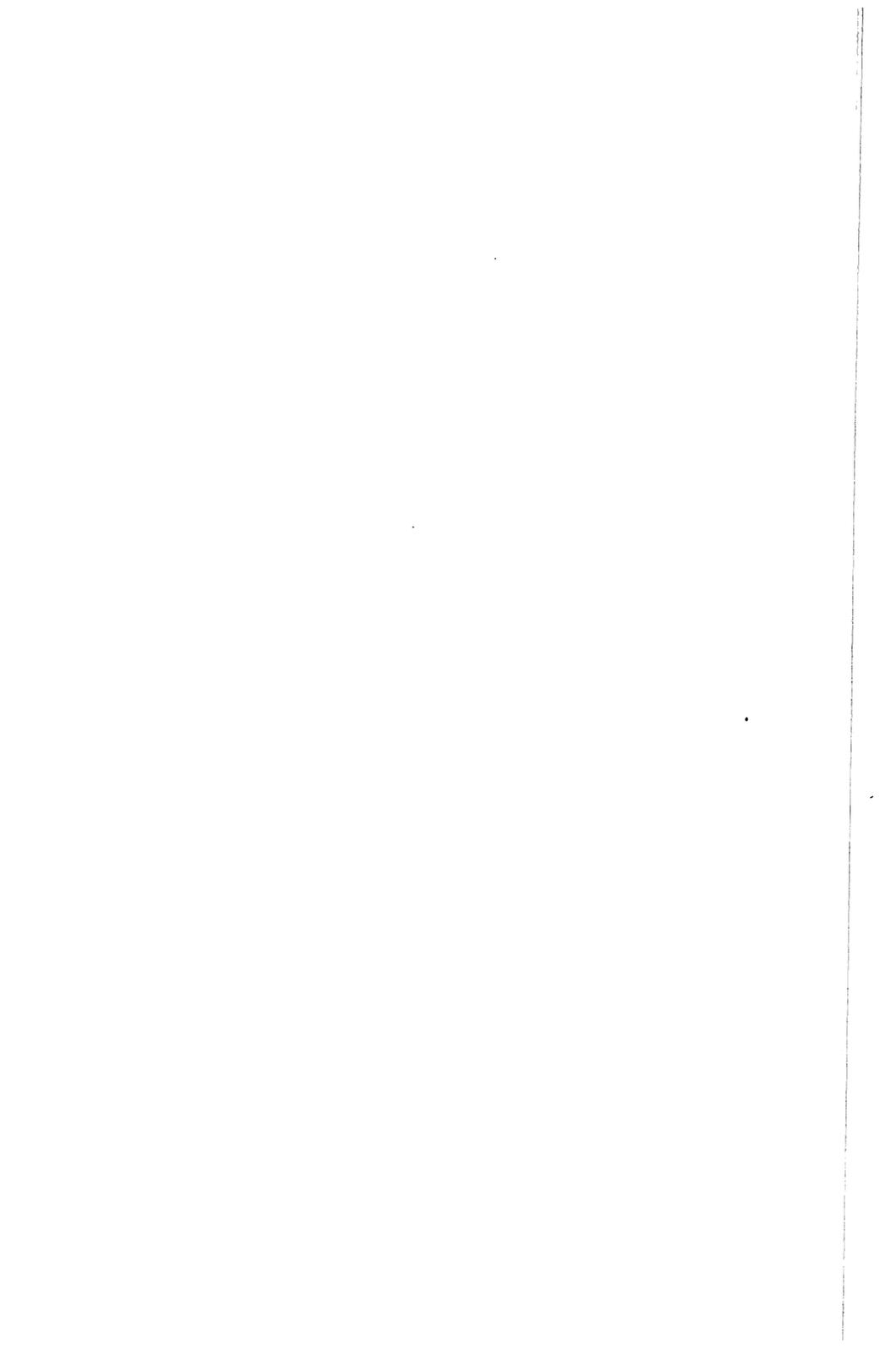
A Comédia dos Deuses – Teixeira & Irmão, Editores. São Paulo, 1887, com
um prefácio de M. Pinheiro Chagas.

Prefácio às “Contemporâneas”, de Augusto de Lima. Rio de Janeiro, 1887.

FONTES PARA ESTUDO

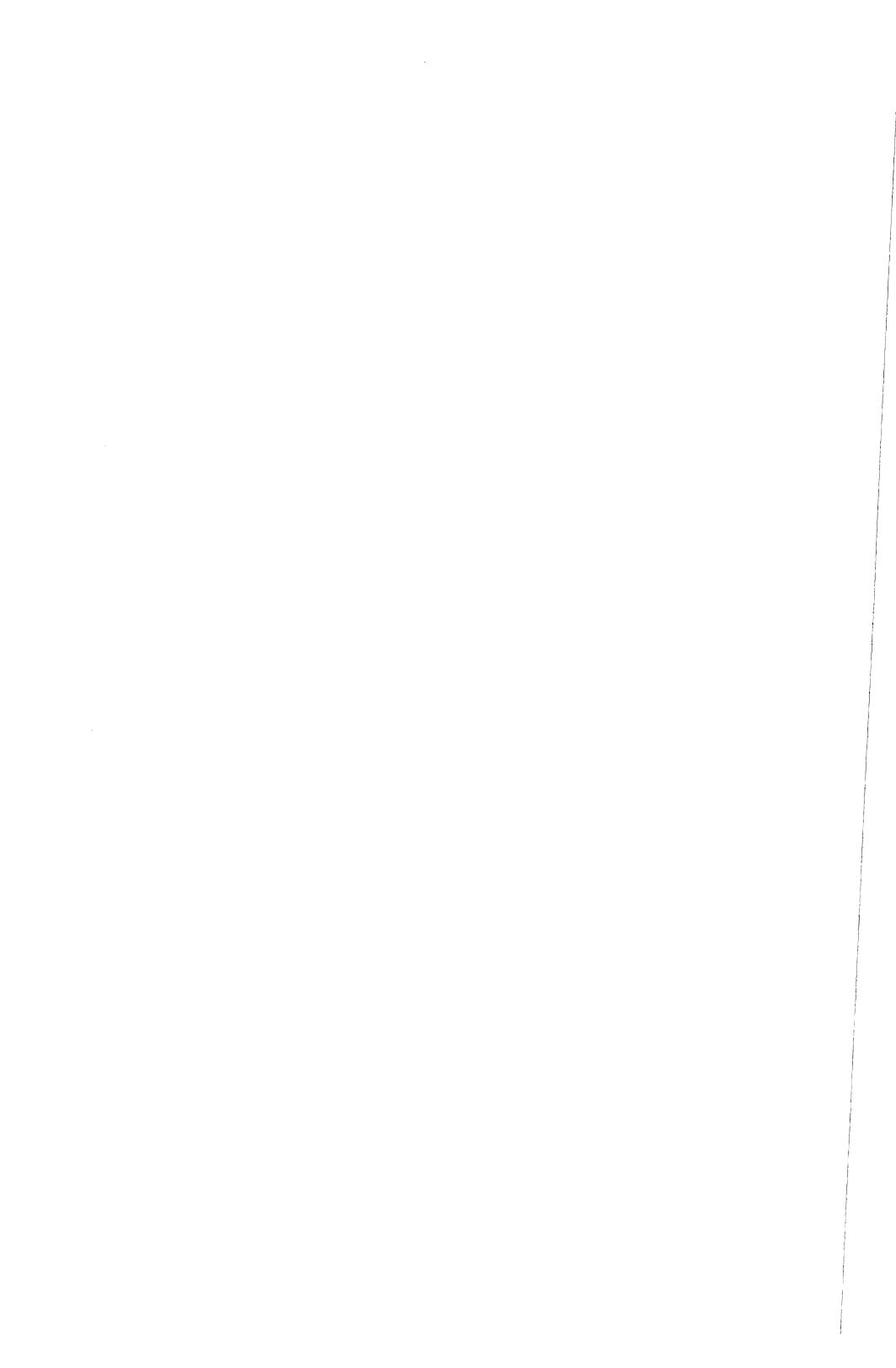
- VALENTIM MAGALHÃES – Perfil literário e retrato de Teófilo Dias. **O Entreato**. São Paulo, 1881. Em colaboração com Ezequiel Ferreira.
- URBANO DUARTE – As Fanfarras. **Gazetinha**. Rio, 24 a 25 de abril 1882.
- M. PINHEIRO CHAGAS – Prefácio à “Comédia dos Deuses”, São Paulo, 1887
- VALENTIM MAGALHÃES – Teófilo Dias, **Tribuna Liberal**. São Paulo, 21 a 25 abril 1889.
- RAUL POMPEIA – Arthur Azevedo e Teófilo Dias. **Revista Sul Americana**. Rio, 30 de abril de 1889. p. 115.
- FRANCISCO JÚLIO TEIXEIRA BASTOS – Teófilo Dias. **Poetas Brasileiros**. Porto, 1895. p. 69-77.
- SACRAMENTO BLAKE – Teófilo Dias, **Dicionário Bibliográfico Brasileiro** Rio de Janeiro, Vol. VIII. 1902. p. 268.
- AFONSO CELSO – Teófilo Dias. **Revista da Academia Brasileira de Letras**. Rio de Janeiro, II (5), 1911. p. 75-85; II (6), p. 295-307; (10) out. 1912. p. 197-203.
- COELHO NETTO – **Compêndio de Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro, 1913. 2a. ed. p. 146.
- JOSÉ VERISSIMO – **História da Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro, 1916. p. 366 - 367.
- RONALD DE CARVALHO – **Pequena História da Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro, 1935. p. 291 - 294.
- J. RIBEIRO DE SAVALÉ – Teófilo Dias. **Antologia Maranhense**. Maranhão, 1937. p. 18-19.
- AFRÂNIO PEIXOTO – **Panorama da Literatura Brasileira**. São Paulo, 1940. p. 401 - 403.
- ÁLVARO SALGADO – Vida e poesia de Teófilo Dias. **Cultura Política**. Rio de Janeiro. III (27) maio 1934. p. 138 - 144.
- ANÔNIMO – Teófilo Dias. **O Imparcial**, São Luís, 18 de julho de 1945.
- DUARTE DE MONTALEGRE – **Ensaio sobre o parnasianismo brasileiro**. Coimbra, 1945. p. 42 - 43 - 69 - 70.

- CLEMENTINO FRAGA – Teófilo Dias o Patrono da Cadeira n.º 36. **Ilustração Brasileira**. Rio de Janeiro, 15 dezembro. 1946. p. 82 - 83 - il.
- JOSUÉ MONTELLO – Em louvor de Teófilo Dias. **O Imparcial**, São Luís, 26 de março 1949.
- SÍLVIO ROMERO – **História da Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro, 1949. 4a. ed. Vols. IV e V.
- MÁRIO MEIRELES – **Panorama da Literatura Maranhense**. São Luís, 1955. p. 120, 121, 122, 123, 124, 134, 168, 185, 208, 223.
- OTTO MARIA CARPEAUX – **Pequena Bibliografia Crítica da Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro, 1955. 1a. ed. p. 164 - 165.
- ANÔNIMO – Teófilo Odorico Dias de Mesquita. **Antologia da Academia Maranhense de Letras**. São Luís, 1958. p. 74 - 75.
- JOSÉ RIBEIRO DO AMARAL – Teófilo Odorico Dias de Mesquita. Maranhenses Ilustres. **O Imparcial**. São Luís, 13 março 1960.
- MANUEL BANDEIRA – Teófilo Dias. **Antologia dos Poetas Brasileiros da Fase Parnasiana**. Rio de Janeiro, MCMLXV. P. 46-54.
- NELSON WERNECK SODRÉ – Teófilo Dias. **História da Literatura Brasileira. Seu fundamento econômico**. São Paulo, s. ed. p. 200 - 201.



SUMÁRIO

Apreciação Crítica	13
Antologia	15
A Matilha	17
Saudade	19
Soneto de uma moça pobre	20
O Rio e o Vento	21
Embriaguez de Sangue	23
Procelárias	24
Os Seios	26



APRECIÇÕES CRÍTICAS

“Teófilo Dias, que, como tantos brasileiros, julgou ter sido a Grécia um “voluptuaram”, um lupanar permanente, artista de mérito que nos legou A Matilha, umá obra prima de erotismo tropical e seria artista completo se pensasse um pouco mais no anjo e um pouco menos na besta saciada”, Agripino Grieco, “Vivos e Mortos”, 178.

“TEÓFILO DIAS foi, como seu patrício, autor das **Sinfonias** e das **Aleluias** (ambos são maranhenses), um extraordinário cultor da forma. Têm entre si muitos pontos de contacto, o que se explica pela confissão do mesmo credo literário e pela natural convivência mantida entre ambos nos bancos acadêmicos de São Paulo, onde foram colegas. Em Teófilo há porventura mais colorido e mais profusão líricas; há, talvez, mais calor nas inspirações amorosas e mais audácias nas polítics e sociais. Raimundo o excedo na elevação das idéias, na variedade dos pensamentos, num quer que seja de serenidade dos pensamentos, num quer que seja de serenidade olímpica, que só se encontra nos grandes gênios da arte”.

Sílvio Romero — “História da Literatura Brasileira”.
4a. ed. Rio, 1949. p. 295 - 296.

1875

A MATILHA

Pendente a língua rubra, os sentidos atentos,
Inquieta, rastejando os vestígios sangrentos,
A matilha feroz persegue, enfurecida,
Alucinadamente, a presa mal ferida.

Um, afitando o olhar, sonda a escura folhagem,
Outro, consulta o vento; outro sorve a bafagem,
O fresco vivo odor, cálido, penetrante,
Que, na rápida fuga, a vítima arquejante,
Vai deixando no ar, pérfido e traiçoeiro;
Ora em vértice, aqui se agrupam, rodam, giram,
E cheios de furor frenéticos respiram;
Ora, cegos de raiva, afastados, dispersos,
Esbraseando o olhar, dilatando as narinas.

Transpõem num momento os vales e as colinas,
Sobem aos alcantis, descem pelas encostas,
Recruzam - se febris em direções opostas,
Té que da presa enfim, nos músculos cansados,
Cravam com avidéz os dentes afiados.

Não de outro modo, assim, meus sôfregos desejos,
Em matilha voraz de alucinados beijos,
Percorrem - te o primor das langorosas linhas,
As curvas juvenis, onde a volúpia aninhas,
Frescas ondulações de formas florescentes,
Que o teu contorno imprime às roupas eloqüentes:

O dorso aveludado, elétrico, felino,
Que poreja um vapor aromático e fino;
O cabelo revoltado em anéis perfumados,
Em fofos turbilhões, elásticos, pesados;
As fibrilhas sutis dos lindos braços brancos,
Arrojam - se a correr. Vão por trilhos diversos,
Feitos para apertar em nervosos arrancos;
A exata correção das azuladas veias,
Que palpitam, de fogo entumescidas, cheias. . .
Tudo a matilha audaz perlustra, corre, aspira,
Sonda, esquadrinha e explora, e anelante respira
Até que, finalmente, embriagada, louca,
Vai encontrar a presa, o gozo em tua boca.

(“Fanfarras”, 7 - 9).

SAUDADE

A saudade da amada criatura
Nutre - nos na alma dolorido gozo
Uma inefável, íntima tortura,
Um sentimento acerbo e voluntoso.

Aquele amor cruel e carinhoso
Na memória indelével nos perdura,
Como acre aroma absorto na textura
De um cofre oriental, fino e poroso.

Entranha-se; invetera-se; de jeito
Que do tempo ao volver, lento e nocivo,
Resiste; e ainda mil pedaços feito.

O líneo cárcer, que o retém cativo,
Cada parcela reproduz perfeito
O mesmo aroma, inalterável, vivo.

(“Fanfarras”, 42 - 43)

SONETO DE UMA MOÇA POBRE

Eu bem sei que tu és o altivo bardo
Por quem bate o meu seio comovido,
O nobre cavaleiro, por quem ardo,
Rico de amor, mas de ouro desprovido.

Eu, cautelosa e tímida, si guardo
Um recato composto e recolhido,
Si com aspecto frio te acobardo,
O amor afoito, em chamas convertido.

Não é porque não pulse-me apressado
O sangue à minha mão, presa na tua,
Quando eu sento trêmula ao teu lado;

É que me lembro que, a esperar da lua
O manto para a roupa do noivado,
Morrerei de pudor, casando. . . nua.

O RIO E O VENTO

Muitas vezes se vê sobre os rios do Norte,
Na quadra em que o calor abafa mais ardente,
Horrisono tufão rugir, sanhudo e forte,
Em direção contrária à indômita corrente.

Frenéticos pegões, com impávidos roncoss,
Arrancados com fúria às válidas entranhas,
No impetuoso correr lascam os troncos,
E fazem desabar as pedras das montanhas.

De encontro às águas rui a túrbida descarga,
E em brusco assalto ferve, e remoinha e brama,
Sem cólera, encrespando a superfície larga,
Através da floresta o rio se derrama.

Como um atleta, o vento, em profundo esforço,
Cava a úmida arena, o rio que se empola,
Sob a afronta eriçando o majestoso dorso,
Com lento passo igual à rude massa rola.

Apenas, nesse dorso hercúleo, que fumeга,
Brincam da espuma errante os férvidos matizes,
E ele vai fecundando as regiões que rega,
Nutrindo e avigorando as sôfregas raízes.

Ideal! ideal! tu és como esse rio
Sem ouvir o clamor dos cetros, das tiaras,
Com grave placidez, impertubável, frio,
Vais rolando em triunfo as tuas ondas claras.

Embalde sobre ti as lavas dos insultos
O preconceito cospe, e golpeja a insolência
Vais nutrindo de amores corações incultos,
Fecundando o dever em cada consciência.

Fatigando do passado a resistência, a fúria,
Marchas para o futuro inalteravelmente;
Não se pode sustar a força, sem a injúria:
O tufão não suspende aos rios a corrente!

EMBRIAGUEZ DE SANGUE

Oh! quando as tuas mãos, brancas, eletrizadas,
Despenham-te em anéis, em túrbidas correntes,
Do teu cabelo escuro as tranças refulgentes,
Da lisa anca aos pés molemente espalhadas.

Quando os dedos febris estalam-se frementes,
O cinto do corpete, as fitas enlaçadas,
E deixando cair-te as roupas perfumadas,
Desvendam - te a nudez das formas eloqüentes,

Um hálito de fogo o peito me despede;
No seco, árido lábio, à fala se me impede;
Profunda embriaguez os meus sentidos toma;

E enquanto sobre mim o teu olhar agudo
Vibra como um punhal, eu, imóvel e mudo,
Respiro do teu sangue o caloroso aroma.

PROCELÁRIAS

Rasgando à flor de um mar sem rumor, largo e plano,
Um sulco de ouro e luz, teso e côncavo pano
Ao galerno fugaz, que as velas arredonda,
O navio veloz resvala de onda em onda.

É transparente o céu; liso o mar; calmo o espaço;
E do vento e da vaga ao ritmo, ao compasso
Que faz rolar sobre um — outro bordo — a pupila
Do gageiro perscruta a vastidão tranqüila,
Cravado no horizonte o olhar profundo e agudo
Tudo é límpido, azul, é paz, bonança tudo.

Mas eis que de improviso umas aves estranhas,
Que parecem o vôo arrancar das entranhas
Do horizonte longínquo, ainda há pouco vazio,
Em nuvens sobrevêm, demandando o navio.
Mosqueadas de negro, audazes, agoureiras,
Contornam o massame e as vergas altaneiras,
Sinistras pipilando entre as velas redondas,
Rasgando a superfície intérmina das ondas.

São elas que lá vem, as **procelárias!** Logo
Fosforecendo, o mar vibra sulfú e fogo;
Torna - se escuro o ar, negro o céu; e a tormenta,
De súbito caindo, horripante rebenta;
Pesa no espaço a treva; esfuziam os ventos;
Cortam a escuridão relâmpagos sangrentos
A voz do temporal desfeito sobrepuja
A grita de terror, que levanta a maruja,
Ao tenebroso céu, transida de agonia.

Mas, renascendo a calma e repontando o dia,
Na deserta amplidão das vagas solitárias,
Té onde alcança o olhar, **já não há procelárias**
Assim vem, assim vão as bravas avezinhas,
Afrontando o furor das tormentas marinhas,
Desdenhosas da paz, fugindo à calma,
Libradas nos turbões. A luta as inebria

Os gênios são assim, como as filhas do oceano,
Pairam sobre os vulcões do pensamento humano,
Arrostando do mal a infrente tempestade,
Precursores do bem, e núncios da verdade,
O torpor lhes repugna, o combate os convida;
Só a luta os atrai — porque a luta é a vida.

OS SEIOS

Como serpente arquejante
Se enrosca em férvida areia,
Meu ávido olhar se enleia
No teu colo deslumbrante.

Quando o descobres, no ar
Morno calor dissolve
Do aroma, em que se envolve,
Como em neblina o luar.

Se ao corpo te enrosco os braços,
A terra e os céus estremecem,
E os mundos febris parecem
Derreter - se nos espaços!

E tu nem sequer presumes
Que então, querida, até creio
Sorver, desfeito em perfumes,
Todo o sangue do teu seio.

Depois que aspiro ansiado,
Do teu níveo colo o incenso,
Minha alma semelha um lenço
De viva essência molhado.

Deixa que a louca se deite
Nesse torpor, que extasia,
E que o vinho do deleite
Me espume na fantasia;

Pois não há ópio ou haxias
Que me abrilhante as idéias
Como as fragâncias sutís
Que fervem nas tuas veias!

